



25 de Abril – Roteiro da Revolução

José Mateus | Raquel Varela | Susana Gaudêncio

25 de Abril – Roteiro da Revolução

José Mateus | Raquel Varela | Susana Gaudêncio

parsifal

© 2017, Autores e Edições Parsifal, Lda.

EDIÇÕES PARSIFAL

Av. Elias Garcia, n.º 76, 1.º F
1050-100 Lisboa
Telefone: 211 985 674
info@parsifal.pt

Autores: José Mateus, Raquel Varela, Susana Gaudêncio

Título: *25 de Abril – Roteiro da Revolução*

Capa: Pedro Gil sobre fotografia do Centro de Documentação
25 de Abril da Universidade de Coimbra

Mapas: © Contribuidores do OpenStreetMap

Paginação: Augusto Nunes

Revisão: Ana Mendes/Edições Parsifal

Impressão: Caflesa, Lda.

1.ª edição: Março de 2017

ISBN: 978-989-8760-35-7

Depósito Legal n.º 421 929/17

Distribuição: Clube do Autor, S. A.

Av. António Augusto de Aguiar, n.º 108, 6.º andar
1050-019 Lisboa

Telefone: 214 149 300 / Fax: 214 141 721

I PARTE
ROTEIRO

Quartel da Pontinha	14
Salazar foi o principal fautor do 25 de Abril	
<i>Otelo Saraiva de Carvalho</i>	16
Rádio Clube Português	20
Emissora Nacional	22
A ocupação da Emissora Nacional	
<i>Luís Pimentel</i>	24
Quartel da GNR	28
Memória do Quartel do Carmo	
<i>Nuno Andrade</i>	30
Sedes de <i>A Época</i> , da Censura e ANP	36
Jornal <i>República</i>	38
A ronda da liberdade	
<i>Júlia Matos Silva</i>	40
Sede da PIDE/DGS	46
Baleado pela PIDE no 25 de Abril	
<i>Fernando Pereira</i>	48
Banco de Portugal	56
Em trânsito para a Revolução...	
<i>Hélder Santos</i>	58
Terreiro do Paço	62
Faltava já tão pouco	
<i>José Jorge Letria</i>	64
Legião Portuguesa	68

Celebrações do 1.º de Maio	70
Esse primeiro 1.º de Maio em liberdade foi o meu primeiro dia de exercício da cidadania	
<i>Maria Guadalupe Magalhães Portelinha</i>	72
Ministério do Trabalho	76
Forte de Caxias	78
Um tiro na noite e as minhas horas de aflição	
<i>Helena Pato</i>	80
Escola Prática de Cavalaria de Santarém	84
Entrevista ao Centro de Documentação 25 de Abril	
<i>Salgueiro Maia</i>	86
Prisão de Peniche	90
Em Peniche, o profissionalismo dos militares só foi igualado pelo dos feirantes	
<i>Rodrigo Nóbrega Pizarro</i>	92
Ocupação da Rádio e TV no Porto	96
A ocupação da rádio, da televisão e das instalações da PIDE/DGS no Porto	
<i>Nuno Catarino Anselmo</i>	98
Sede da Ação Nacional Popular, Avenida dos Aliados e Praça da Batalha	104
25 de Abril de 1974: «Tropa na Rua»	
<i>Gilberto Rua</i>	106
Sede da PIDE no Porto	108
Uma noite sem fim com um dia de começo	
<i>Paulo Esperança</i>	110
SAAL	114
Viver condignamente dentro da cidade	
<i>Sérgio Fernandez Santos</i>	116
Quartel-General da Região Militar do Norte	120
O 25 de Abril no Porto: polícias a fugir do povo e dos militares	
<i>Sérgio Valente</i>	122

II PARTE REFLEXÕES

Como se formou o MFA	
<i>Vasco Lourenço</i>	130
Aprender a liberdade e a participação	
<i>Teresa Medina</i>	136
O último preso político a ser libertado	
<i>António Jorge Carvalho «Pisco»</i>	140
O 25 de Abril em Moçambique	
<i>Mário Tomé</i>	145
O 25 de Abril na Guiné	
<i>Carlos Matos Gomes</i>	149
No pós-25 de Abril em Angola	
<i>José Fontão</i>	153
A manifestação dos trabalhadores da Lisnave de 12 de setembro de 1974	
<i>Jorge Fontes</i>	157
Os sindicatos rurais dos campos do Sul de Portugal na luta pela Reforma Agrária, 1974-1975	
<i>Constantino Piçarra</i>	162
O «amigo» saneado	
<i>Jerónimo Franco</i>	167
Dois jantares alemães nas vésperas da liberdade	
<i>Antonio Muñoz Sánchez</i>	169
Insólitos do 25 de Abril – do valor de nada ser	
<i>Carlos Cruz Oliveira</i>	174
O 25 de Abril – ainda presente no ativismo atual	
<i>Britta Baumgarten</i>	177
O Forte de Peniche, cárcere de antifascistas	
<i>António Simões do Paço</i>	180
A Revolução nos quartéis	
<i>Joana Alcântara</i>	184
Agradecimentos	189

DOIS JANTARES ALEMÃES NAS VÉSPERAS DA LIBERDADE

Antonio Muñoz Sánchez¹

Os amigos do Ocidente devem entender que os socialistas são a única força política em Portugal que pode conter os comunistas.

Mário Soares a Willy Brandt. Bona, 3 de maio de 1974

O PCP é um vassalo da União Soviética.

Ernesto Melo Antunes a Hans-Dietrich Genscher. Bona, 19 de maio de 1975

A situação no nosso país caracteriza-se por não só ter sido derrotada uma ditadura fascista, mas também porque o nosso povo quer caminhar na via do socialismo. Se o nosso objetivo após a queda da ditadura fosse caminhar para uma democracia burguesa, então não teria sido tão complicado.

Álvaro Cunhal a Erich Honecker, Berlim Leste, 19 de novembro de 1975

Terá um partido realmente o direito de agir num país estrangeiro como o tem feito o Partido Social-Democrata alemão em Portugal nos últimos meses?

Jornalista da televisão alemã para Willy Brandt, 29 de dezembro de 1975

A cena é real, embora pareça saída de um filme decadente de Manoel de Oliveira. É quarta-feira, 24 de abril de 1974, o dia consome as suas últimas horas e na residência do embaixador da República Federal da Alemanha em Portugal o seu inquilino celebra uma festa de despedida. Entre os convidados, estão membros do corpo diplomático em Lisboa e dirigentes do Estado Novo, como o ministro do Interior César Moreira Batista. Uns são os olhos e os ouvidos do Ocidente em Portugal; outros, os homens mais bem informados do país. Todos ignoram que dali a momentos irá desencadear-se um golpe de estado e a sua atenção está apenas centrada em escolher entre o canapé

¹ Tradução de António Simões do Paço.

de salmão e o de caviar. Mesmo que tivessem tido conhecimento da operação militar, os convidados da festa não se teriam mostrado excessivamente preocupados. Afinal, no seu quase meio século de vida, o Estado Novo já fora alvo de muitas intencionalidades, todas elas tão inócuas como a recente das Caldas. O regime fundado por António de Oliveira Salazar, essa é a impressão generalizada na primavera de 1974, continua a gozar de boa saúde.

O Ocidente contribui de forma ativa para que assim seja. O Estado Novo não conta com grandes amigos no mundo, mas de maneira nenhuma está orgulhosamente só. Após anos de relações frias com o presidente Robert Nixon, os Estados Unidos da América voltaram a prover Lisboa com tecnologia de ponta para combater os «terroristas» nas colónias. Na Europa, os conservadores mantêm a sua simpatia tradicional para com o regime e nem sequer após o escândalo de Wiriámu deixam de expressar a sua admiração pela missão civilizadora e anticomunista que Portugal realiza em África. Quanto às esquerdas, nas suas declarações públicas são muito críticas com a ditadura e sobretudo com a Guerra Colonial, mas esquecem as suas palavras mal pisam o tapete de um ministério.

A disparidade entre discurso e ação das esquerdas fica evidente no caso da locomotiva da Europa. Com os social-democratas no Governo, a República Federal da Alemanha tornou-se ao longo da última década o maior fornecedor de armas a Portugal, o seu primeiro parceiro comercial e investidor estrangeiro. É também o único país que oferece ao Estado Novo ajuda ao desenvolvimento e que tem uma base militar em Portugal. Paradoxos da Guerra Fria, o Governo social-democrata alemão está convencido de que a sua aliança estratégica com Lisboa não faz dele um dos pilares da ditadura. Pelo contrário, Bona vê-se como um motor da modernização e europeização de Portugal, com quem já estaria a lançar as bases para uma futura democratização e descolonização. Para Willy Brandt, Prémio Nobel da Paz pela sua política de aproximação aos regimes do Leste Europeu, a solução de todos os problemas de Portugal – e da Polónia, Roménia, Grécia e Espanha – virá de forma natural com o passar do tempo. O tempo de que Marcelo Caetano precisa para estabilizar a guerra, neutralizar os ultras, dar autonomia às colónias, liberalizar o regime e aprofundar a aproximação à CEE.

Os democratas portugueses devem ser pacientes, já que a história joga a seu favor. Em todo o caso, isto é o que se crê em todos os países ocidentais,

não há atalhos para alcançar a liberdade, a única via é a transformação voluntária do Estado Novo. Que o regime possa cair sob a pressão da oposição ou por um golpe de estado parece-lhes simplesmente impossível. Assim, os social-democratas alemães não dão crédito às informações que Mário Soares lhes faz chegar desde o início de abril, no sentido de que se prepara uma ação militar decisiva para derrubar a ditadura. E por isso ouvem-no com um pouco de piedade durante o jantar em que o acolhem em Bona, a 24 de abril de 1974, precisamente na noite em que tudo vai mudar para sempre.

Abraçar Portugal para que não caia no abismo comunista.

Quando a 25 de Abril acontece o que não podia acontecer, o Ocidente fica de boca aberta diante do seu canapé de salmão. De espanto em espanto, em Portugal não só cai em poucas horas, como um castelo de cartas, um regime que se acreditava ser sólido como uma rocha, como além disso um povo conhecido pela sua resignação e passividade melancólica desperta para a liberdade com um ímpeto reivindicativo inaudito. Que irá acontecer agora em Portugal, quem irá preencher o vazio de poder, que acontecerá com as colónias, que impacto pode ter além-fronteiras este terramoto político? Para tentar responder às inúmeras questões levantadas por esta insólita revolução pacífica, jornalistas de todo o mundo afluem a Lisboa, a maioria deles sem outra bagagem que a sua total ignorância sobre a realidade portuguesa e os seus preconceitos ideológicos.

Entre os primeiros a chegar, uma equipa da Televisão Espanhola, que se apresenta na manhã de 26 no quartel da Pontinha onde ainda se discute o programa definitivo do MFA e Caetano descansa antes de ser deportado. A equipa foi enviada pelo Governo de Madrid, ansioso por saber o que está a acontecer em Lisboa. As cenas de massas populares comemorando eufóricas a queda do tirano horrorizam os ministros de Franco quando veem a reportagem dias mais tarde. São imagens incendiárias, e proíbem a sua transmissão televisiva. O vento do Atlântico carregado de aromas de liberdade penetra no entanto por todas as janelas do país. O 25 de Abril terá um enorme impacto em Espanha, tornando intransponível o abismo entre a sociedade e o regime. O príncipe Juan Carlos e os franquistas que defendem a abertura compreendem que, se não se puserem à frente da transição para a democracia após a morte do caudilho, o povo seguirá o

exemplo dos seus irmãos ibéricos e enviá-los-á a todos para o caixote do lixo da história.

A última revolução europeia do século xx acontece num momento em que o Ocidente desperta sobressaltado do sonho de 30 anos de crescimento económico ininterrupto e pleno emprego, criando uma enorme estabilidade social e política, que agora ameaça explodir. A partir do Sul da Europa, meses após a eclosão da crise do petróleo, desata-se o pandemónio com o colapso das ditaduras portuguesa e grega, o conflito cipriota que conduz à beira de uma guerra dois membros da NATO, a irresistível ascensão dos comunistas italianos ou com a crise terminal do regime espanhol. O baixo-ventre do continente, como alguns chamam arrogantes das alturas do Norte aos tão próximos quanto desconhecidos vizinhos do Sul, agita-se e vira à esquerda, pondo em causa o consenso anticomunista que sustenta a arquitetura geopolítica ocidental.

A crise inesperada no Sul da Europa provoca grande ansiedade nos Estados Unidos da América. Desacreditado pelo apoio incondicional que sempre deu às ditaduras, pela guerra do Vietname e pelo apoio aos golpistas chilenos, Washington vê-se impotente para exercer uma influência moderadora na região do Mediterrâneo. Henry Kissinger idealiza então um plano digno de Maquiavel: para evitar que a gangrena esquerdista se espalhe por todo o corpo, deve cortar-se a perna. Esta perna é Portugal. Na sua visão binária do mundo, uma vez que os comunistas entraram no Governo em Lisboa, é uma questão de tempo até que entrem na órbita da União Soviética. As forças moderadas portuguesas não têm, segundo Kissinger, nada a fazer, e Soares parece-lhe um «típico exemplo sociológico de vítima». Em vez de tentar travar o que já é inevitável, o Ocidente deve tirar proveito da situação. Isso consegue-se expulsando Portugal da NATO, negando-lhe ajuda económica e isolando-o politicamente. Convertido num pária, num mísero e caótico soviète dependente da ajuda de Moscovo, Portugal serviria assim de exemplo para o resto das sociedades do Sul da Europa sobre o destino que as aguardava se os comunistas chegassem ao poder nos seus respetivos países.

A «teoria da vacina» propagada pelos americanos horroriza por sua vez os principais governos europeus. Especialmente o de Bona, que desde há anos trabalhava pela distensão entre os dois blocos e temia um retorno aos anos duros da Guerra Fria, que afastaria para as calendas gregas a possibilidade

de uma reunificação alemã. Estes governos apostam em dar uma resposta não agressiva, mas construtiva, ao repto que significa a crise portuguesa. Vai-se assim articulando uma estratégia europeia que visa fortalecer as forças políticas moderadas e contribuir através de créditos e de projetos comuns para o desenvolvimento económico português para devolver à população a confiança no sistema capitalista e convidar o país a iniciar o seu caminho para a plena integração no clube exclusivo da CEE. Em última análise, trata-se de o Ocidente abraçar Portugal para evitar que os projetos radicais triunfem neste país. Esta «intervenção pacífica», liderada pela República Federal da Alemanha, desperta fortes críticas em setores de esquerda, dentro e fora de Portugal. Mas os governos europeus que a dirigem sentem-se perfeitamente legitimados para levá-la por diante. Afinal, foram os próprios portugueses, com Mário Soares à frente, que a pediram perentoriamente e a apresentam como a única forma de evitar que os comunistas de Álvaro Cunhal imponham ao seu país uma nova ditadura.

Antonio Muñoz Sánchez nasceu nas Astúrias em 1971. É investigador de pós-doutoramento no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Estuda as relações entre a Alemanha e a Península Ibérica durante a Guerra Fria, com especial ênfase nos contactos entre movimentos socialistas e a emigração laboral. É autor dos livros *El Amigo Alemán: El SPD y el PSOE de la Dictadura a la Democracia* e *Von der Franco Diktatur zur Demokratie. Die Tätigkeit der Friedrich-Ebert-Stiftung in Spanien*.